



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA

GIOVANNI KLEBER ALMEIDA DE SOUSA JÚNIOR

**EPIDEMIA DO VÍRUS ZIKA: A DIFUSÃO DE NOTÍCIAS POR MEIO
DAS MÍDIAS ELETRÔNICAS**

BRASÍLIA - DF

2016

GIOVANNI KLEBER ALMEIDA DE SOUSA JÚNIOR

**EPIDEMIA DO VÍRUS ZIKA: A DIFUSÃO DE NOTÍCIAS POR MEIO
DAS MÍDIAS ELETRÔNICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade de Brasília – Faculdade de Ceilândia, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Larissa Grandi Vaitsman Bastos

BRASÍLIA - DF

2016

GIOVANNI KLEBER ALMEIDA DE SOUSA JÚNIOR

**EPIDEMIA DO VÍRUS ZIKA: A DIFUSÃO DE NOTÍCIAS POR MEIO
DAS MÍDIAS ELETRÔNICAS NO INÍCIO DO MÊS DE ABRIL DE 2016**

Relatório final, apresentado a
Universidade de Brasília – Faculdade de
Ceilândia, como parte das exigências para
a obtenção do título de Bacharel em
Saúde Coletiva.

Brasília, 28 de junho de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora Profa. Dra. Larissa Grandi Vaitsman Bastos

Universidade de Brasília/Faculdade Ceilândia

Profa. MsC. Carla Pintas Marques

Universidade de Brasília/Faculdade Ceilândia

Prof. MsC. Sérgio Ricardo Schierholt

Universidade de Brasília/Faculdade Ceilândia

DEDICATÓRIA

A concretização da minha formação acadêmica sem dúvida alguma não seria possível sem o apoio e dedicação dos meus queridos pais Giovanni Kleber e Elaine Cristina, que não mediram esforços para me conceder todo o suporte necessário para que esse sonho se tornasse realidade. Por essa razão, gostaria de dedicar essa vitória a vocês e explanar toda a minha gratidão por suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder o dom da vida, por nunca me abandonar, por sua misericórdia e por me capacitar a alcançar êxitos inacreditáveis.

À Karla Gabryelle, pelos anos de companheirismo e carinho, por sua paciência no período em que me fiz ausente para a elaboração deste trabalho e por todo o apoio prestado durante este período.

À Dyego Henrique e Oney Araújo, figuras que me acolheram como irmão desde o início da minha trajetória acadêmica e que graças à graduação em Saúde Coletiva eu tive o privilégio de conhecer.

À minha orientadora Prof^a Dr^a Larissa Grandi, por toda sua disponibilidade, colaboração, paciência e compromisso durante a construção deste trabalho, sendo figura chave para consolidação do mesmo.

À Magda Saraiva e Daniela Moreira, pelo apoio moral que sempre me deram e pela amizade construída durante estes últimos anos de Universidade.

A todos os amigos que fiz durante esses cinco anos de Universidade de Brasília, impossível listar todos aqui, mas vocês são peças chaves na minha formação profissional.

A todos meus familiares e amigos que direta e indiretamente enviaram energias positivas para que esse dia tão marcante em minha vida chegasse.

Minha eterna gratidão a todos vocês!

“Não fui eu que ordenei a você? Seja forte e corajoso! Não se apavore nem desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar”.

Josué 1:9

RESUMO

A ocorrência da epidemia do vírus Zika no Brasil, evento que levou o governo a decretar situação de Emergência em Saúde Pública, tomou espaço nos principais veículos de informação de circulação nacional. A mídia exerce uma função de grande relevância na atualidade: transmissão de informações para a grande massa, formulação de opiniões e influência no comportamento dos indivíduos. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi investigar as notícias veiculadas, através das mídias eletrônicas, no início do mês de abril de 2016 sobre o vírus Zika, com o intuito de propor uma discussão a respeito do papel da mídia na divulgação de informações relevantes a população. O seguinte trabalho utilizou a pesquisa exploratória para obter êxito em seus objetivos estabelecidos. Tornou-se evidente a necessidade de buscar estratégias para que notícias sobre prevenção e ações de combate ao vetor sejam veiculadas com a mesma frequência das relacionadas a casos e óbitos decorrentes da doença, para propiciar intervenções mais eficientes no controle das epidemias por parte da população.

Palavras-chave: Vírus Zika, Mídia, Notícias, Comunicação em Saúde, Prevenção.

ABSTRACT

The occurrence of the Zika virus epidemic in Brazil, an event that led the government to declare state of emergency in Public Health, took space in the main national vehicles of information. The media exerts a very important role today: the transmission of information to the large mass, formulating opinions and influencing the behavior of individuals. In this sense, the objective of this study was to investigate the disseminated news about Zika virus through the electronic media at the beginning of April 2016, in order to propose a discussion about the media's role in disseminating relevant information to the population. The following study used exploratory research to succeed in their stated objectives. It became evident the need to seek strategies for news about prevention and vector control actions are conveyed with the same frequency of related cases and deaths from the disease to provide more effective interventions in the control of epidemics among the population.

Keywords: Zika virus, Media, News, Health Communication, Prevention.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Número de notícias encontradas por veículo de informação no que se refere ao descrito “Zika”. Brasil, abril de 2016.....	28
Gráfico 2. Percentual de notícias encontradas por veículo de informação, no que se refere ao descritor “Zika”. Brasil, abril de 2016.....	29
Gráfico 3. Quantidade de notícias categorizadas em subtemas de acordo com seu título e conteúdo, referente ao descritor “Zika” na plataforma Google. Brasil, abril de 2016.	30

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quantidade de notícias categorizadas em subtemas de acordo com seu título e conteúdo, referente ao descritor “Zika”. Brasil, abril de 2016.	30
--	----

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1. Fluxograma das Etapas de Pesquisa.....	27
Imagem 2. Nuvem de palavras construída através dos títulos e textos das notícias selecionadas a partir do descritor “Zika” na plataforma Google. Brasil, abril de 2016.	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MS	Ministério da Saúde
SNES	Serviço Nacional de Educação Sanitária
SPES	Serviço de Propaganda e Educação Sanitária
TIC'S	Tecnologias da Informação na Comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. OBJETIVOS	15
2.1. GERAL	15
2.2. ESPECÍFICOS	15
3. MARCO TEÓRICO	16
3.1. COMUNICAÇÃO DE MASSA E MÍDIA	16
3.2. COMUNICAÇÃO E SAÚDE	18
3.3. JORNALISMO E SAÚDE	21
3.4. A INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO	24
4. METODOLOGIA	26
5. RESULTADOS/DISCUSSÃO	28
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXOS	38
ANEXO A – Tabela de classificação das notícias por título, data, editoria, fonte e subtemas, utilizando o descritor “Zika” na plataforma Google. Brasil, abril de 2016.	38

1. INTRODUÇÃO

Hoje um dos maiores e mais complicados desafios para todas as esferas do governo, para os profissionais da saúde, gestores, pesquisadores e a população em geral é o enfrentamento da epidemia relacionada ao vírus Zika e suas comorbidades.

De acordo com um estudo assinado por mais de cinquenta pesquisadores o vírus Zika teria chegado ao Brasil em meados de 2013, ou seja, o país levou mais de um ano para reconhecer a transmissão da doença que circulava em todo o território nacional, visto que o primeiro teste positivo para Zika foi confirmado em abril de 2015 (FARIA, 2016).

Diante do cenário de explosão nos números de casos confirmados, propagação nos diversos estados brasileiros, possível associação com o diagnóstico de microcefalia em recém-nascidos e óbitos decorrentes da doença, no dia 11 de novembro de 2015 o Ministério da Saúde (MS) decretou Situação de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional. Este mecanismo está previsto em lei para casos de emergência em saúde que demande medidas urgentes de prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública.

Por se tratar de um evento tão repentino e pouco conhecido até então, a população se viu carente de informações oficiais a respeito do que vinha ocorrendo, começaram a circular diversos boatos relacionados à infecção pelo vírus, fato que gerou certa preocupação na população.

A Internet, meio de comunicação que mais cresce em utilização no mundo, é um vasto território onde são condensados milhares de conteúdos e onde a população busca informações de maneira simples e instantaneamente. Por essas características, é importante atentar-se ao que vem sendo veiculado neste meio e a representatividade da mídia no decorrer de uma situação de emergência em saúde, nesse caso a epidemia do vírus Zika, devido a todo seu poder de influência na formação de opinião e veiculação de informações de abrangência nacional.

O poder da mídia de informar em grande escala pode contribuir para a emancipação dos cidadãos e sua inserção autônoma na sociedade. Mas é certo que a qualidade da informação prestada, a forma e o momento em que se veicula a notícia produzem significados variados e podem concorrer para o esclarecimento e a mobilização popular ou, ao contrário, para a confusão e o alarmismo reativo (FRANÇA, 2004, p. 1335).

O campo da saúde e o da comunicação vem se aproximando com maior intensidade nas últimas décadas, contudo, há pouca produção sobre as contribuições e conflitos resultantes dessa articulação. Sendo assim, pouco se conhece sobre o papel da mídia na divulgação de informações relativas ao campo da Saúde Pública, fato que justifica a elaboração da seguinte pesquisa.

Diante disso, esse trabalho utiliza a pesquisa exploratória com o objetivo de investigar as notícias veiculadas pela mídia eletrônica, tendo como período de apuração o mês de abril de 2016, a respeito da epidemia do vírus Zika, de modo a gerar uma discussão sobre os conteúdos veiculados na internet, a respeito da temática pesquisada.

2. OBJETIVOS

2.1. GERAL

Investigar as notícias veiculadas pela mídia eletrônica, tendo como período de apuração o mês de abril de 2016, a respeito do vírus Zika.

2.2. ESPECÍFICOS

- Analisar as 30 primeiras notícias retornadas pelo “Google Notícias” através do descritor “Zika”, no mês de abril de 2016;
- Quantificar, por fonte de informação, o número de notícias encontradas com o descritor “Zika” na ferramenta de pesquisa “Google Notícias”, no mês de abril de 2016;
- Classificar as notícias encontradas com o descritor “Zika” em subtemas de acordo com o seu título e conteúdo na íntegra, no mês de abril de 2016;
- Elaborar uma nuvem de palavras para demonstrar de forma visual aquelas que apareceram com maior frequência nos títulos e conteúdo textual das notícias selecionadas através do descritor “Zika”, no mês de abril de 2016;
- Proporcionar uma discussão sobre o papel da mídia no processo de veiculação de informações em saúde para a população, tendo como base a epidemia do vírus Zika.

3. MARCO TEÓRICO

3.1. COMUNICAÇÃO DE MASSA E MÍDIA

Não bastassem as necessidades fundamentais de se alimentar e ter onde morar, a ação de se comunicar com os companheiros tornou-se tarefa vital para todos os seres humanos.

Com a evolução do mundo, a comunicação interpessoal chegou ao seu declínio, sendo necessário artifícios que direcionem as mensagens ao maior número de pessoas, simultaneamente, no menor tempo possível.

Para que isso ocorra, é imprescindível que os meios utilizados para essa transmissão tenham potencial para atingir inúmeras pessoas. Sendo assim, podemos considerar que a televisão, o rádio e os jornais são meios de comunicação de massa. Segundo Emery (1974, p.22) “a comunicação de massa serve [...] para transmitir informações e ideias a um grande número de pessoas, através da utilização de veículos adequados aos objetivos propostos.”

Serra (2007, p.144) explica que:

[...] essa comunicação e esses meios permitem fazer chegar, potencialmente, a todos os homens de todos os lugares e condições, as informações, as notícias, mesmo as diversões que permitem a sua integração no todo social; nesse aspecto, os meios de comunicação de massa atingiram uma tal importância nas sociedades modernas [...].”

Lazarsfeld e Merton (2002) analisam, em seu texto, o papel social dos meios de comunicação de massa através de algumas de suas funções: a primeira diz respeito à “função de atribuição de status as causas” e a segunda é “relativa ao reforço das normas sociais”. Entretanto, ressaltam uma disfunção a qual denominam como: “narcotizante”. Tal disfunção pode ser resultante da quantidade de informações de todos os gêneros apresentadas ao público através dos meios de comunicação. Nestas, os problemas sociais são abordados de forma superficial, e os cidadãos, através do contato com estas notícias, se sentem suficientemente informados, confundindo essa apropriação com uma participação positiva na sociedade. Também pode ocorrer disfunção a partir do momento em que o público interpreta as informações diferente da sua real intenção, gerando especulações e preocupações na população, algo que é indesejável sob o ponto de vista do bem estar social.

Se, inicialmente, o termo “comunicação de massa” estava diretamente ligado aos rádios, jornais e televisões, recentemente, com o avanço da tecnologia, a Internet também pôde ser classificada como parte desses meios que tanto evoluem com o passar dos anos e com o conseqüente progresso tecnológico.

Neste contexto, de aumento no fluxo de informações em nossa sociedade com um grande potencial de influência na formação da opinião dos indivíduos insere-se a mídia. A palavra mídia é utilizada na língua portuguesa brasileira para expressar o termo “meios de comunicação”, ou seja, recursos tecnológicos e outros que são utilizados para a difusão das mensagens. Da Silva (2009, p.3) esclarece que:

A mídia é uma arma poderosa vertical e concentrada nas mãos daqueles que controlam o fluxo de informações, “os detentores do saber”; como agente formador de opiniões e criador-reprodutor de cultura, a mídia interfere, forma e transforma a realidade, as motivações, os modos de pensar e de agir do homem.

A mídia é considerada como o Quarto Poder, devido a sua força econômica, política e ideológica. Grandes são as vantagens encontradas nesta modalidade de comunicação, porém uma das maiores e mais preocupantes desvantagens, diretamente ligada ao seu potencial persuasivo, está relacionada à manipulação das opiniões, pois antes de qualquer coisa, os receptores das informações estão condicionados a pensar e formular conceitos através das informações veiculadas por um emissor.

Segundo Da Silva (2009, p.2) “o poder de manipulação da mídia pode atuar como uma espécie de controle social, que contribui para o processo de massificação da sociedade, resultando num contingente de pessoas que caminham sem opinião própria”.

No campo da saúde, cabe analisar se a mídia está realmente preparada e acurada para veicular informações relativas a essa área, bem como tornar acessível à população notícias verídicas e relevantes em casos de situação de emergências em saúde pública.

3.2. COMUNICAÇÃO E SAÚDE

O laço entre a saúde e a comunicação não é um fenômeno recente, esse vínculo histórico já atravessa séculos. Tão antiga é a saúde na comunicação que os encontrados em papiros constituem a principal fonte de estudo da medicina no antigo Egito.

Hansen (2004, p.12) relata que:

Para se ter uma idéia do quanto é antiga a saúde na comunicação, podem –se buscar na História os registros da medicina escritos em papiro e que dão uma visão maravilhosa do que era feito pelos egípcios para registrar aquilo que sabiam ser melhor para o indivíduo e harmonizar a saúde de seu povo.

No Brasil, alguns fatos contribuíram para que a comunicação fosse vista com outros olhos pelos profissionais de saúde e conseqüentemente incorporada dentro deste setor. Segundo Teixeira (1996, p.253):

Embora a comunicação em saúde tenha se consolidado como campo bem definido de investigações e práticas apenas no contexto desenvolvimentista dos anos 50-60, algumas preocupações “comunicacionais” podem ser identificadas no campo da saúde pelo menos desde a década de 20.

Foi durante a década de 1920, que no Brasil o governo colocou em prática a ideia de educar a população para a saúde, passando a se preocupar com a implementação de políticas públicas de educação sanitária que na maioria das vezes eram pautadas na divulgação de conhecimentos de higiene a população, fato que trazia uma noção sobre a execução da comunicação. Nesta mesma década, foi criado o Serviço de Propaganda e Educação Sanitária (SPES) que apresentava como principal finalidade “promover a maior divulgação possível das noções de higiene pessoal e pública” (BRASIL, 1923. art. 108).

Na década de 40, foi criado o Serviço Nacional de Educação Sanitária (SNES), órgão que tinha a finalidade de planejar e administrar um programa de educação sanitária de abrangência nacional. Esse serviço era dividido em três seções de acordo com suas responsabilidades, eram elas: a Seção de Educação e Propaganda, Museu da Saúde e Seção de Administração.

A Seção de Educação e Propaganda, dentro de suas atribuições era responsável pela divulgação e organização de eventos, cursos de capacitação em educação sanitária para os profissionais de saúde, publicações relacionadas ao serviço, entre outras, ou seja, suas responsabilidades estavam constantemente

ligadas à propaganda e divulgação, atividades essas relacionadas diretamente a ideia de comunicação em saúde, assim como esclarece De Souza (2011, p. 7):

A Seção de Educação e Propaganda era responsável por todas as publicações do serviço – tanto as de nível técnico, voltadas para os profissionais de saúde, quanto às de caráter popular – pela organização de eventos de divulgação, promover cursos de educação sanitária para os agentes de saúde, fornecer aos serviços estaduais material audiovisual para a realização de suas campanhas e distribuir suas publicações por todo país. Assim, ficava a cargo dessa seção, organizar e produzir todas as funções ligadas à propaganda e divulgação.

Esses foram alguns marcos bastante relevantes que instigaram os atores envolvidos a debaterem sobre a importância da comunicação em saúde e seu papel primordial no que concerne ao direito à informação por parte da população. Tanto que, no ano de 1990, a Lei Orgânica da Saúde (Lei n.º 8080, de 1990), um dos maiores marcos para a saúde pública brasileira, dispôs sobre o direito à informação em saúde e à divulgação de informações sobre serviços de saúde a todos os interessados.

Diferente da noção de “comunicação unilateral”¹ que antes era observada, a comunicação em saúde hoje é um campo, que apesar de todo seu progresso, ainda está em constante processo de formação. Constituído por um universo de representações, onde os atores envolvidos se posicionam e utilizam de técnicas e dos meios disponíveis para estabelecer um contato eficaz com o objetivo de transmitir informações de interesse coletivo, a comunicação em saúde prioriza um processo de troca de experiências e de construção coletiva do saber. Atualmente, esse campo tem ganhando mais visibilidade, pois as políticas de saúde, após constantes reivindicações dos movimentos sociais, defendem o discurso da participação popular e do controle social na construção coletiva da saúde.

Ribeiro (2013, p. 9), esclarece que:

A comunicação em saúde deve ser entendida de forma integralizada, considerando o sujeito na sua totalidade, suas dificuldades, seus anseios, e não meramente como o repasse de informações rebuscadas com o uso de termos técnico. Os sujeitos precisam ser os protagonistas, capazes de compreender a dinâmica do sistema de saúde, e que o mesmo possa usufruir destas informações de forma a viabilizar o acesso e a efetivação dos seus direitos.

¹ Tipo de comunicação estabelecida de um emissor para um receptor, sem reciprocidade.

Sendo assim, a comunicação se caracteriza como sendo um dos mais importantes instrumentos de concretização dos direitos relacionados à saúde, de empoderamento social, de consolidação de uma sociedade democrática, de participação na esfera pública e de construção de políticas sociais. Diante disso é imprescindível que haja permanente anseio por garantir acesso aos meios de produção e veiculação da informação, condições para que todas as pessoas possam ouvir e serem ouvidas.

3.3. JORNALISMO E SAÚDE

Desde o início das civilizações a comunicação tornou-se necessidade comum a todo ser humano. Com o aparecimento dos primeiros meios de comunicação, surgiu, dentro das ciências, o relevante interesse de compreender e explorar os potenciais efeitos destes no poder de persuasão, potencial na propagação de informações e influência na formação de opinião da população.

Bydlowski (2004, p.22), ressalta que:

Acompanhando e, às vezes, provocando reações na sociedade, os meios de comunicação têm hoje um grande papel na determinação dos pensamentos e comportamentos dos indivíduos. É uma das instituições mais eficazes de manutenção da hegemonia, isto é, dos valores e práticas da sociedade atual.

Assim como no comércio, os meios de comunicação trabalham com a lógica de mercado, sendo o seu produto: a notícia. Assim, a notícia é constantemente exposta a um público consumidor de informações objetivas e atuais e, como qualquer outro produto que é comercializado, deve ter algo que atraia e fixe a atenção de seus possíveis consumidores o que conseqüentemente incidirá sobre suas finanças. Bydlowski (2004, p. 22), afirma que:

Hoje, nos meios de comunicação, a notícia é um produto e tem de ser vendido como mercadoria. Notícias sobre a saúde não fogem a essa regra, somando-se o fato de a própria saúde estar sendo vista como mercadoria, dependente do consumo de outras mercadorias, de bens e de serviços.

Kucinski (2000, p. 182) afirma que “o jornalismo é uma atividade que, no conjunto das ações comunicativas da modernidade, tem sido historicamente um dos principais instrumentos de construção da democracia e de conquista de direitos de cidadania”.

Diante de todo esse potencial, o jornalismo e o campo da saúde se tornaram grandes parceiros no que diz respeito à divulgação de informações para a grande massa, assim como ressalta Oliveira (2014, p. 35):

[...] a mídia jornalística, por sua potencialidade de codificar e disseminar informações, se transformou em grande aliada do campo da saúde ao divulgar e popularizar diversos tipos de nexos entre ciência, saúde, cuidados, prevenção e modos de vida e o funcionamento das políticas e dos serviços públicos de saúde disponibilizados para a população.

Devido a sua importância e seu poder de influência, espera-se que o jornalismo seja imparcial, verdadeiro e preciso, sendo considerada incorreta qualquer ação jornalística que sejam contrárias a estes requisitos.

Nesse sentido, Kucinski (2000, p. 182), evidencia que:

Seus papéis de representação e mediação conferem ao jornalismo a ética que o distingue de outras ações comunicativas e que, apesar de algumas variações, conforme diferentes matrizes culturais e condições locais, tem como padrão referencial o jornalismo de qualidade das democracias pós industriais. Nesse padrão, a busca da verdade é o valor ético transcendental.

O “jornalismo de saúde” é o campo especializado que é destinado à cobertura pertinente a debater sobre os mais diversos temas relacionados à área da saúde, como: promoção da saúde, qualidade de vida, saber médico, direitos dos cidadãos, vigilância sanitária etc.

Segundo Malinverni (2011, p. 43) “no campo da saúde, destaca-se o papel do jornalismo científico na inserção das ciências no espaço público e de sua articulação com a prática coletiva, de sua apropriação do senso comum”.

Apesar de todas essas recomendações, enfrentamos hoje uma crise no saber jornalístico, principalmente nas notícias em saúde. Informações distorcidas e cada vez menos embasadas estão sendo veiculadas sem a mínima preocupação com sua repercussão dentro da população. Diante disso, Kucinsky (2002, p. 96), aponta que:

As coberturas jornalísticas da saúde e da saúde coletiva se ressentem dos problemas gerais de todo jornalismo, e também de alguns problemas específicos. O problema mais geral está no caráter de mercadoria da notícia. Pelo fato de a notícia ser vendida como mercadoria, o processo social de produção da matéria jornalística passa necessariamente por fenômenos de espetacularização, simplificação, reducionismo, estereotipia, elitismo temático e instrumentalização ideológica, entre outros.

Além disso, outro fato bastante preocupante no que diz respeito a conflitos éticos na cobertura midiática relativa ao setor saúde está ligado a veiculação de informações de caráter sigiloso e restrito devido a sua possível repercussão e distorção da mensagem por parte da população. Kucinsky (2002, p. 101) esclarece que:

[...] a ética jornalística é uma ética de caráter não consequencial, ou seja, a função do jornalista é trabalhar contra o segredo, socializar as informações que são importantes para o público, independentemente das consequências dessa socialização. Essa ética está em conflito direto com a ética da saúde coletiva, que é basicamente consequencial, ou utilitarista.

Perante o que foi exposto, é importante que algumas atitudes sejam tomadas no sentido de propor reflexões e sensibilizar a mídia para as questões ligadas a saúde. Nesse sentido cabe ao profissional jornalista, figura central na construção das notícias, acompanhar o progresso nos conceitos da área para que suas produções sejam relevantes para a população e condizentes com a verdade e aos veículos prezar pela qualidade do material veiculado e investir na capacitação das equipes.

Para Kucinski (2000, p. 183):

O jornalista que hoje cobre problemas de saúde não pode mais se limitar às categorias definidas pela prática médica dominante. Deve poder dialogar com essa prática médica a partir de uma postura crítica. Ao jornalista, por sua ética, cabe uma visão holística do processo saúde-doença, e a consciência do relativismo da prática médica dominante.

É pertinente compreender o processo de produção da notícia jornalística, os desafios, dificuldades e prioridades da cobertura midiática principalmente em tempos de epidemias.

3.4. A INTERNET COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO

A internet (ou a “Web” como também é conhecida) é um sistema de redes de computadores interconectadas de proporções mundiais, que na virada do século já atingia mais de 150 países e reunia cerca de 300 milhões de computadores (DIZARD, 2000).

Em meados de agosto de 1962, J. C. R. Licklider pesquisador do MIT (Massachusetts Institute of Technology) fez os primeiros registros de interações sociais realizadas através de redes. Licklider anteviu que seria possível se comunicar, acessar dados e programas de qualquer ponto através de computadores interconectados globalmente. É possível que esta ideia tenha sido a essência do que hoje se conhece por internet (GESSI, 2011).

Diversos eventos tiveram influência na modificação da vida cotidiana no decorrer da história da humanidade. Ao final da década de 60, decorrente da revolução tecnológica, cuja origem leva ao final da Segunda Guerra Mundial, emergiu um movimento de bastante repercussão nas relações entre os indivíduos: a sociedade da informação.

Entende-se por sociedade da informação como um período de desenvolvimento social caracterizado pela capacidade dos atores envolvidos (cidadãos, empresas, poder público) de adquirir e partilhar informações, de imediato, de qualquer lugar e da maneira mais adequada (PALHARES, 2005).

Mandel (1997, p. 12) destaca que:

[...] dois pontos focais aparecem como determinantes para a formação da sociedade da informação: computação e comunicação, diretamente ligadas a dois objetos tecnológicos que proporcionaram, a esse crescimento, uma velocidade nunca vista: microcomputador e rede Internet, levando muitas pessoas a testemunharem uma invasão crescente, no seu cotidiano, de novas tecnologias de computação e de comunicação que causaram mudanças na quantidade, qualidade e velocidade das informações com que lidam no seu dia-a-dia. Essas transformações permitiram que elas pudessem se comunicar em tempo real, mesmo sem estarem unidas presencialmente. As informações passaram a circular rapidamente e as mudanças acompanharam este ritmo acelerado.

Nesse sentido, a tecnologia aliada ao seu potencial de difusão das informações tende a afetar, tanto individual como coletivamente, toda a atividade humana dentro do seu cotidiano, gerando assim um processo de transformação social.

De acordo com Tellaroli (2007, p. 1):

A sociedade vem passando por transformações culturais, mercadológicas e econômico-sociais ao longo de sua existência, porém, nos últimos anos, a mudança foi surpreendente, no que diz respeito às novas Tecnologias da Informação na Comunicação (TIC's). Surge um novo meio de comunicação – o computador com conexões via Internet – que modifica a forma de produção e disseminação de informações [...].

Com o advento da globalização e conseqüentemente a evolução da tecnologia, a comunicação virtual através da internet assumiu um papel extremamente importante no que concerne a descentralização da informação, democratização do saber e poder de se comunicar (GALLI, 2004).

A internet, como rede mundial de computadores interconectados, maior repositório de informações disponíveis às pessoas de qualquer parte do mundo e objeto utilizado por milhões de pessoas é uma das mais extraordinárias invenções humanas, além de ser um privilégio da vida moderna para o homem moderno.

Diante disso, Gessi (2011, p. 5) conclui que:

A internet foi um dos maiores desenvolvimentos tecnológicos da humanidade e causou impactos de nível global, pois proporcionou uma nova forma de pensar e fazer comunicação na sociedade contemporânea. Essa grande criação pode ser considerada o paradigma do mundo moderno, ou seja, as constantes mudanças no nosso dia-a-dia e na sociedade. Essas mudanças ocorrem em vários níveis que atingem não só a comunicação: tais mudanças são capazes de mudar uma sociedade, promovendo a disseminação das informações científicas e culturais sem limite de fronteiras.

Apesar de toda essa expansão no âmbito da tecnologia e na possibilidade de acesso a internet, vale frisar que ainda hoje existem algumas barreiras, tanto físicas quanto financeiras, que impossibilita o acesso de diversas pessoas as mais diversas formas de informações que circulam nos ambientes virtuais.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou a pesquisa descritiva exploratória. Tal metodologia de pesquisa contribui para uma futura formulação de hipóteses acerca da temática estudada, assim como esclarece Gil (2007, p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideais, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.

No que diz respeito à coleta de dados, o mecanismo de busca escolhido para tal foi o Google, porque hoje esse é o maior site de pesquisas do mundo, com cerca de 100 bilhões de buscas feitas por mês em todo o planeta. Dentro do próprio site existe a opção de filtrar os resultados das pesquisas em algumas categorias, como, por exemplo: notícias, imagens, vídeos, shopping etc. Diante desta funcionalidade, através do descritor “Zika” e utilizando o filtro notícias, a pesquisa foi realizada. Foram considerados todos os resultados que surgiram nas três primeiras páginas do site, totalizando 30 notícias encontradas, sendo esse um número significativo para alcançar os objetivos proposto no seguinte trabalho. A data de realização da pesquisa e coleta das notícias a serem analisadas para este trabalho foi o dia 06 de abril de 2016.

As notícias selecionadas foram lidas e classificadas em categorias pré-estabelecidas de acordo com seu título e conteúdo central da reportagem veiculada. As seguintes categorias foram utilizadas: (A) casos da doença: número de casos e óbitos; (B) aspectos clínicos da doença: características clínicas, sintomas relacionados, estudos/pesquisas; (C) vigilância em saúde: controle do vetor/criadouros, ações dos órgãos responsáveis, participação popular no controle, problemas/dificuldades no controle.

Dependendo do seu título e conteúdo, as notícias foram classificadas em mais de uma categoria, o que pode ter resultado numa divergência na contagem em relação à amostra selecionada. Aquelas que não se adequaram em nenhuma categoria foram alocadas como (D) outros. Este instrumento de categorização foi elaborado pelo autor para desenvolvimento deste trabalho.

No processo de elaboração da “nuvem de palavras” deste trabalho, foi utilizado o Tagul², um serviço gratuito na web que permite a criação dessa

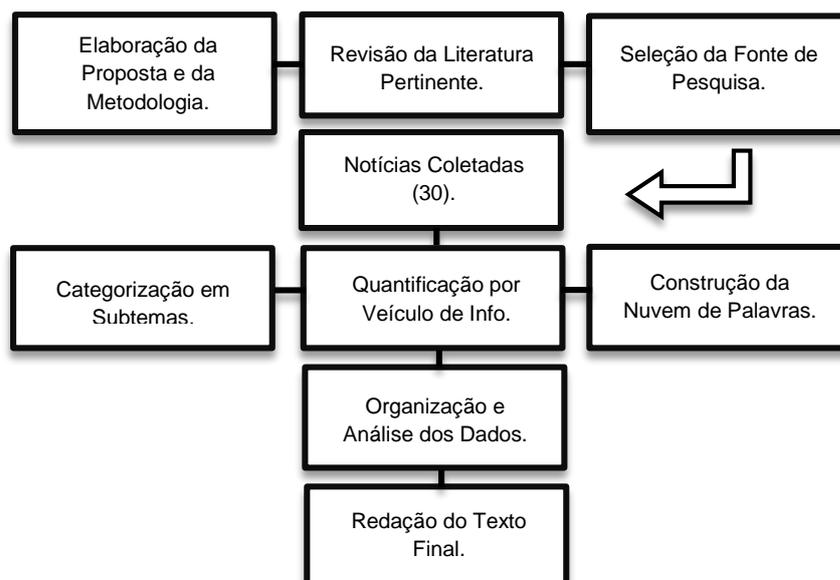
² Disponível em: <https://tagul.com/>. Acesso em: 24 de maio de 2016.

ferramenta. As nuvens de palavras são usadas para demonstrar, de maneira visual, a frequência com que as palavras aparecem dentro de um texto. Para a construção da nuvem de palavras foram excluídos artigos, pronomes, numerais, preposições e conjunções, pois prejudicariam a visualização da nuvem uma vez que aparecem com bastante frequência nos textos.

Para a análise dos dados levantados foi utilizado o método quali e quanti. Apesar do contraste existente entre esses tipos de pesquisas, é notório o valor, quando combinadas, que essas abordagens trazem a diversos tipos de estudos. Nesse sentido, o autor buscou através do quantitativo das diferentes notícias selecionadas e posteriormente categorizadas gerar uma reflexão sobre a difusão de notícias pela mídia eletrônica a respeito da epidemia de Zika vírus.

Sintetizando, para a concretização e organização do trabalho, este foi dividido nas seguintes etapas de pesquisa (Imagem 1): a) elaboração da proposta e da metodologia; b) revisão da literatura pertinente a proposta do estudo; c) seleção da fonte de pesquisa; d) coleta de dados para compor a amostragem, categorização em subtemas, quantificação por veículo de informação e construção da nuvem de palavras através dos títulos e textos das notícias na íntegra; e) análise e investigação dos dados levantados; e) redação do texto final.

Imagem 1. Fluxograma das Etapas de Pesquisa.



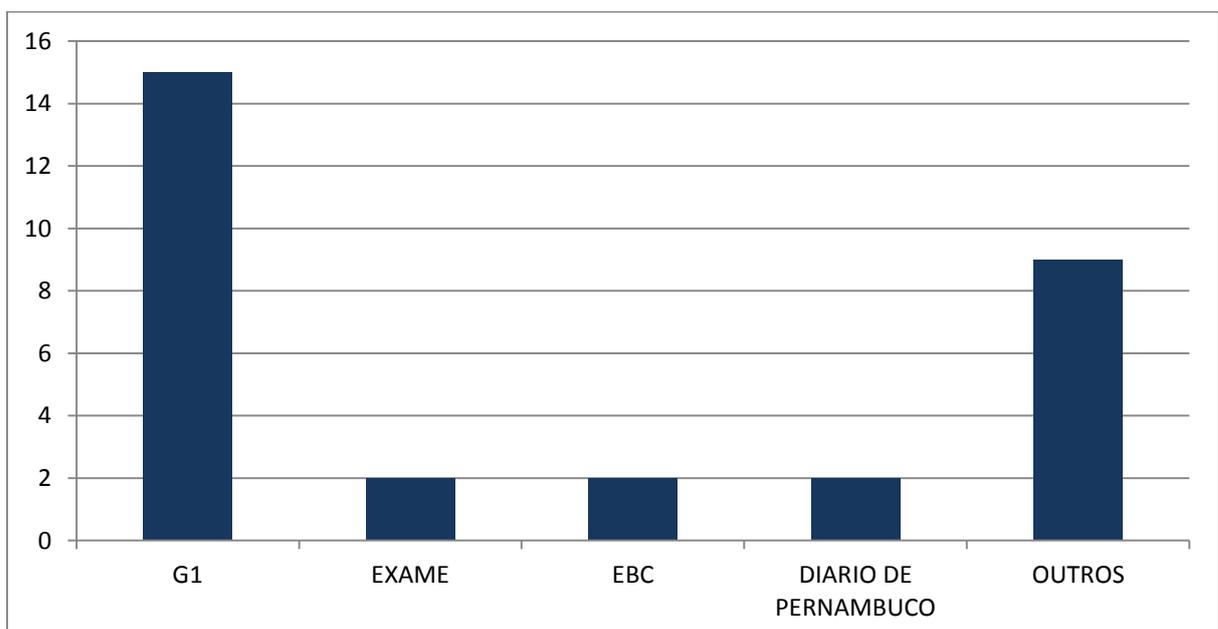
5. RESULTADOS/DISCUSSÃO

Ao fazer uma pesquisa na plataforma Google, o próprio site executa um rastreamento de bilhões de páginas novas e atualizadas para compor um compilado de encontrados em toda a Web. Antes de serem retornados aos usuários, os resultados passam por um processo de julgamento, onde mecanismos do site presumem quais páginas são mais relevantes de acordo com a pesquisa para só depois disponibiliza-las de forma hierárquica baseadas nesse critério, isso quase que instantaneamente.

Diante de nossa pesquisa na plataforma Google, o resultado encontrado, através do descritor “Zika”, foi de aproximadamente 34.200.000 (trinta e quatro milhões e duzentos mil) páginas na internet, em apenas 0,26 segundos, números que indicam a infinidade de conteúdos disponíveis dentro da web e sua velocidade de busca.

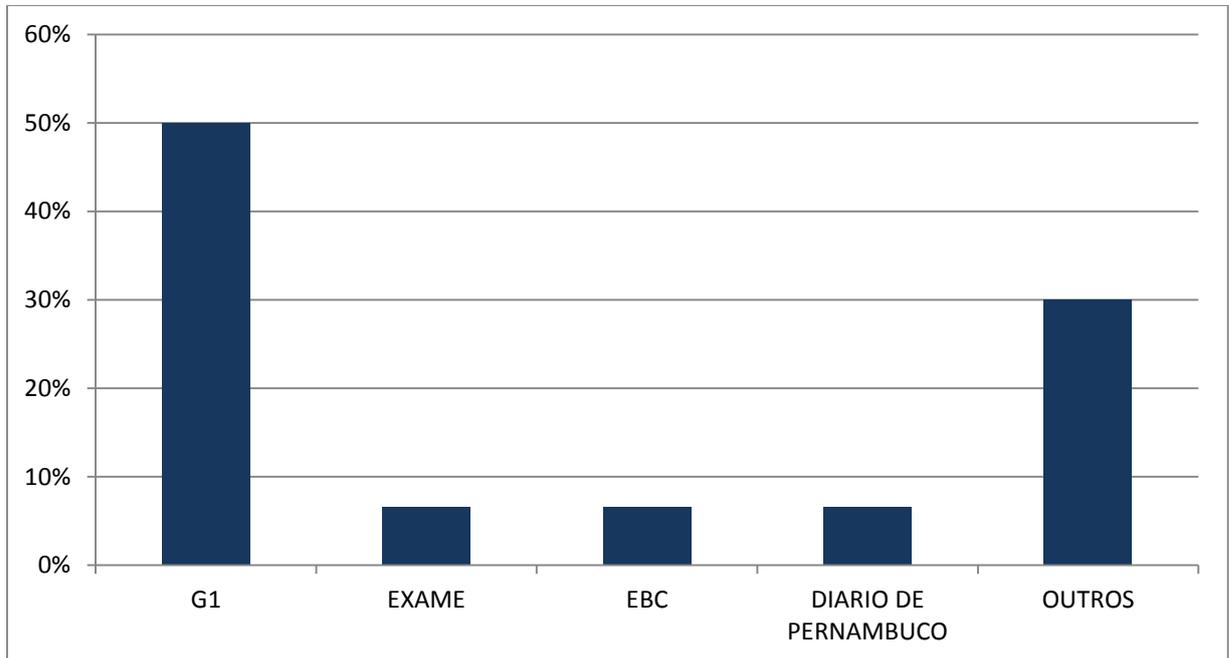
Um dos objetivos da pesquisa foi quantificar, por veículo de informação, as notícias selecionadas (trinta notícias no total) através da pesquisa realizada. Dentre estas, quinze (Gráfico 1), ou seja, 50% (Gráfico 2) das reportagens eram do site “g1.com”, o portal de notícias da Globo. Através destes números, podemos observar um grau de relevância dado pelos mecanismos de rastreamento do Google às reportagens do portal.

Gráfico 1. Número de notícias encontradas por veículo de informação no que se refere ao descrito “Zika”. Brasil, abril de 2016.



Fonte: elaboração própria.

Gráfico 2. Percentual de notícias encontradas por veículo de informação, no que se refere ao descritor “Zika”. Brasil, abril de 2016



Fonte: elaboração própria.

Através da leitura das notícias na íntegra, foi elaborada uma tabela onde consta a seguintes colunas: título, data, editoria, fonte e categorização das notícias em subtemas pré-estabelecidos (Anexo A). Posteriormente foi feita uma análise que também contribui para a discussão proposta por este trabalho.

A Tabela 1 mostra a quantidade de notícias divididas em subtemas. Nesse contexto, temos um total de doze notícias, 36,36% aproximadamente, que tratavam dos casos da doença (número de casos e óbitos), as que apresentavam descrição sobre os aspectos clínicos (características clínicas, sintomas relacionados e estudos/pesquisas) e as relacionadas à vigilância em saúde (controle do vetor/criadouros, ações dos órgãos responsáveis, participação popular no controle e problemas/dificuldades no controle) contabilizaram oito notícias (24,24%). As que não se enquadraram em nenhuma dessas categorias, cinco notícias, foram alocadas na categoria outros. Houve uma divergência no total de notícias categorizadas na Tabela 1 em relação à amostra de trinta reportagens selecionadas para a realização da pesquisa, pois três destas foram alocadas em mais de uma categoria de acordo com seu título e conteúdo, possibilidade prevista anteriormente.

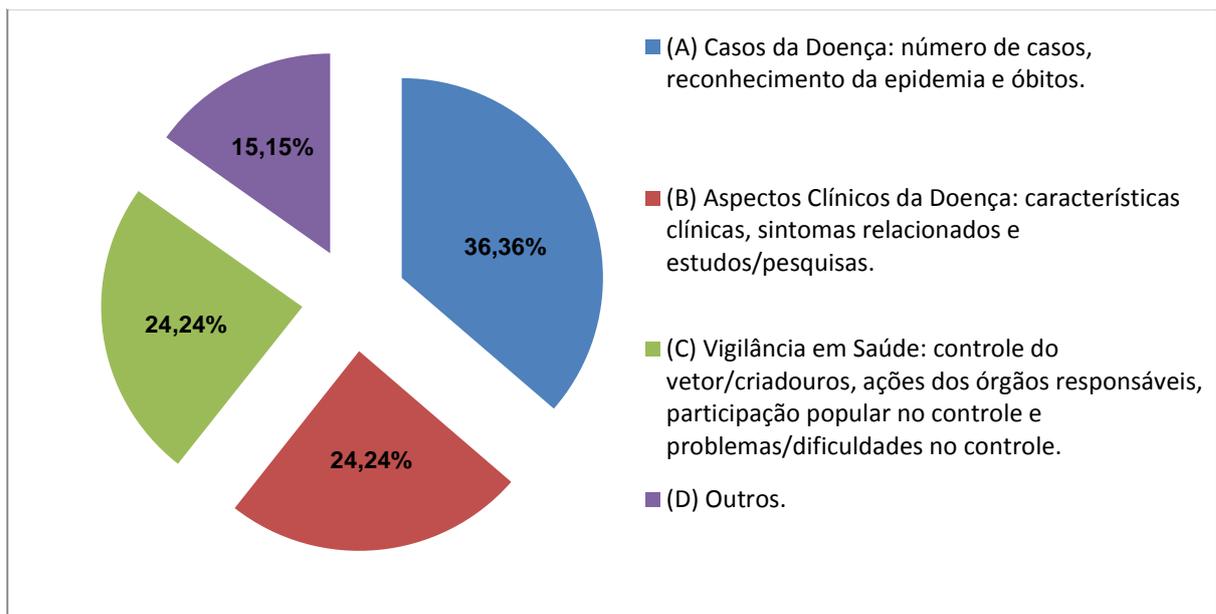
Tabela 1. Quantidade de notícias categorizadas em subtemas de acordo com seu título e conteúdo, referente ao descritor “Zika”. Brasil, abril de 2016.

Subtemas	n	%
(A) Casos da Doença: número de casos e óbitos.	12	36,36
(B) Aspectos Clínicos da Doença: características clínicas, sintomas relacionados e estudos/pesquisas.	08	24,24
(C) Vigilância em Saúde: controle do vetor/criadouros, ações dos órgãos responsáveis, participação popular no controle e problemas/dificuldades no controle.	08	24,24
(D) Outros.	05	15,15
Total	33	100,00

Fonte: elaboração própria.

O Gráfico 3, expressa os achados relativos a porcentagem das notícias que foram categorizadas em subtemas de acordo com seu título e conteúdo, números já expressos na Tabela 1, porém apresenta estes através de um gráfico de pizza.

Gráfico 3. Quantidade de notícias categorizadas em subtemas de acordo com seu título e conteúdo, referente ao descritor “Zika” na plataforma Google. Brasil, abril de 2016.



Fonte: elaboração própria.

Outras palavras que tiveram grande evidência foram: “Microcefalia”⁶ e “Bebê”⁷. Isso pode ser explicado devido à hipótese e posterior confirmação, pela comunidade científica, da associação entre o diagnóstico positivo de microcefalia decorrente da infecção pelo vírus Zika.

A ausência de destaque na nuvem de palavras referentes a “Prevenção”, “Controle”, “Combate”, “Ações”, “Vigilância”, entre outras, chama a atenção devido a relevância deste tipo de informação para que seja estimulada ações por parte da população com o objetivo de combater o vetor do vírus, refletindo diretamente na diminuição dos casos da doença. Isso mostra que a mídia não possui muito interesse na veiculação desse tipo de informação uma vez que notícias impactantes prendem mais a atenção do público e agregam mais audiência.

⁶ A palavra “Microcefalia” apareceu 84 vezes dentro das notícias, seja em seu título ou em seu conteúdo textual.

⁷ A palavra “Bebê” apareceu 39 vezes dentro das notícias, seja em seu título ou em seu conteúdo textual.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocorrência de epidemias desperta grande interesse por parte da mídia, uma vez que esse tipo de evento geralmente tem repercussão nacional e uma constante atualização dos acontecimentos, fato que fixa a atenção do público e reflete positivamente no número de acessos, no caso das mídias eletrônicas, as reportagens.

Diante da análise da abordagem conferida pelos portais de notícias na internet através do descritor Zika, no mês de abril do ano de 2016, observou-se a fragilidade nas informações divulgadas pelos veículos de informação que o Google conferiu maior relevância. O subtema mais exposto foi relacionado ao número de casos e óbitos resultantes da infecção pelo vírus Zika. Tal subtema não contribui com o aprendizado ou conscientização da população no sentido de estimulá-los a serem atores ativos no processo de prevenção e controle da doença.

O enfoque hegemônico dado a essa temática pode ser explicado pelo fato de que as notícias desse teor apresentam uma constante atualização e mudanças de cenário, diferente das medidas de controle que representam uma informação que pouco se renova no decorrer de uma epidemia sendo, portanto, de menor apelo para captar a atenção do público (FRANÇA, 2004).

O escasso espaço destinado à veiculação de informações relativas à vigilância sanitária dentro das notícias, observadas neste estudo, aponta a necessidade de se articular estratégias de divulgação de informação através dos meios de comunicação, visando propiciar intervenções mais participativas e, assim, mais eficientes para a prevenção ou controle de epidemias.

Talvez seja o momento de se repensar uma forma de reestruturar a relação da mídia com o setor saúde para que essa exerça o papel de parceira no processo de promoção da saúde, pois, no contexto de enfrentamento a epidemias, os meios de comunicação assumem um papel relevante visto suas particularidades no que concerne a difusão de informações com velocidade e grande cobertura.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOSTÓLICO, C. **Telenovela: O olhar capturado. Construção da Tríade Telespectador, Corpo e Imagem.** 2006. 121 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Comunicação e Semiótica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em:< <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp010938.pdf>>. Acesso em: 04 de jun. de 2016.

ARAUJO, I. S. e CARDOSO, J.M. **Comunicação e saúde.** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007 – cap. 1 – pp. 19 a 33.

BRANDL NETO, I.; CAMPOS, I. G. A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 9, n. 17, p. 87-99, 2010. Disponível em:< <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfísica/article/viewArticle/4531>>. Acesso em: 04 de jun. de 2016.

BRASIL, Decreto n.16.300, de 31 de dezembro de 1923. Aprova o regulamento do Departamento Nacional de Saúde Pública. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/D16300.htm>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

_____, Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, DF: [s.n], 1990. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm>. Acesso em: 16 de maio de 2016.

_____, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. Plano de Resposta às Emergências em Saúde Pública. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 44 p.: il. Disponível em:< http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_resposta_emergencias_saude_publica.pdf>. Acesso em: 13 de abr. de 2016.

BYDLOWSKI, C. R.; WESTPHAL, M. F.; BICUDO PEREIRA, I. M. Promoção da saúde. Porque sim e porque ainda não! **Saúde Sociedade**, São Paulo v.13, n.1, p.14-24, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n1/03.pdf>>. Acesso em: 16 de abr. de 2016.

DA SILVA, E. F. G.; DE BARROS SANTOS, Ms. S. E. **O impacto e a influência da mídia sobre a produção da subjetividade.** 2009. Disponível em:< http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/447.%20o%20impacto%20e%20a%20influ%C3%Aancia%20da%20m%C3%ADdia.pdf>. Acesso em: 04 de jun. de 2016.

DE SOUZA, É. M. **As práticas educativas em saúde: o Serviço Nacional de Educação Sanitária em estudo (1940-1970).** 2011. Disponível em:<

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308176164_ARQUIVO_TextoAnpuh2011.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

DIZARD JR., W. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EMERY, Edwin; AGEE, W. K.; AULT, P. H. **Introdução à comunicação de massa**. Editora Atlas, 1974.

FARIA, Nuno Rodrigues et al. Zika virus in the Americas: Early epidemiological and genetic findings. **Science**, v. 352, n. 6283, p. 345-349, 2016. Disponível em: <<http://science.sciencemag.org/content/early/2016/03/23/science.aaf5036>>. Acesso em: 8 de jun, de 2016.

FRANÇA, E.; ABREU, D.; SIQUEIRA, M. Epidemias de dengue e divulgação de informações pela imprensa. **Cad. Saúde Pública**, v. 20, n. 5, p. 1334-1341, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n5/28.pdf>>. Acesso em: 24 de maio de 2016.

GALLI, F. C. S. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. In: **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 120-134, 2004.

GESSI, N. L.; GREGORY, M.; GROSSMANN JUNIOR, H. A Internet Muito Além de um Meio de Comunicação. **Revista Fema - gestão e controladoria**, Rio Grande do Sul, v. 1, p. 1-13, 2011. Disponível em: <http://www.fema.com.br/wp-content/uploads/2014/04/pdf_revistagestao_1edicao1.pdf> Acesso em: 04 de maio de 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 13 de abr. de 2016.

KUCINSKI, B. Jornalismo, saúde e cidadania. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v.4, n. 6, 2000, p. 181-186. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n6/25.pdf>>. Acesso em: 16 de abr. de 2016.

KUSCINSKY, B. Jornalismo e saúde na era neoliberal. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 95-103, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/viewFile/7072/8541>>. Acesso em: 16 de abr. de 2016.

LAZARSELD, P.; MERTON, R. Comunicação de massa, gosto popular e a organização da ação social. In: LIMA, L. C. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 109-131.

MANDEL, A., SIMON, I., DELYRA, J. L. Informação: computação e comunicação. **Revista USP**, No. 35. São Paulo, set./nov. 1997, pp. 10-45.

MALINVERNI, C. **Epidemia midiática**: um estudo sobre a construção de sentidos na cobertura da Folha de S. Paulo sobre a febre amarela, no verão 2007-2008. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Departamento de Saúde Materno-Infantil. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000300002>. Acesso em: 16 de abr. de 2016.

OLIVEIRA, V. C. As Fabulações Jornalísticas e a Saúde. In: LERNER, Kátia (Org.). **Saúde e Jornalismo**: interfaces contemporâneas./organizado por Kátia Lerner e Igor Sacramento. – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2014.

PALHARES, Márcia Maria; SILVA, Rachel Inês; ROSA, Rosemar. As novas tecnologias da informação numa sociedade em transição. **VI Encontro Nacional de Ciência da Informação. Salvador, Brasil**, 2005. Disponível em: <http://www.cinform-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/MarciaPalhares.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2016.

RIBEIRO, C. B.; CRUZ, A. P. C. N.; MARÍNGOLO, A. C. P. Comunicação em Saúde: conceitos e estratégias, rumo à efetivação de direitos sociais. In: **SIMPÓSIO MINEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS**, 3., 2013. Minas Gerais: UNA, 2013. p. 1-14. Disponível em:< http://www.cress-mg.org.br/arquivos/simposio/COMUNICA%C3%87%C3%83O%20EM%20SA%C3%9ADE_CONCEITOS%20E%20ESTRAT%C3%89GIAS,%20RUMO%20%C3%80%20EFETIVA%C3%87%C3%83O%20DE%20DIREITOS%20SOCIAIS.pdf>. Acesso em: 16 de maio de 2016.

RIZZOTTO, C. C. Constituição histórica do poder na mídia no Brasil: o surgimento do quarto poder. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 13, n. 31, 2012. Disponível em:<<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd1=7382&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 04 de jun. de 2016.

RUMMERT, S. M. **Os meios de comunicação de massa como aparelhos de hegemonia**. 1986. Disponível em:<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9109>>. Acesso em: 04 de jun. de 2016.

SERRA, J. P. **Manual de teoria da comunicação**. Covilhã: Livros Labcom, v. 203, p. 143-160, 2007.

TEIXEIRA, R. R. Informação e comunicação em saúde. IN: SCHRAIBER, L.B.; NEMES, M.I.B.; MENDES-GONÇALVES, R.B. (orgs.). **Saúde do Adulto**: Programas e ações na unidade básica. São Paulo: Hucitec, p.251-261, 1996.

TELLAROLI, T. M.; ALBINO, J. P. Da sociedade da informação às novas tic's: questões sobre internet, jornalismo e comunicação de massa. In: CARDOSO, C.

M. (Org.) **Diversidade e igualdade na comunicação** – coletânea de textos do Fórum da Diversidade e Igualdade: cultura, educação e mídia. Bauru: FAAC/Unesp, SESC, SMC, 2007. Disponível em:<http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/tais_marina_tellaroli.pdf>. Acesso em: 4 de maio de 2016.

ANEXOS

ANEXO A – Tabela de classificação das notícias por título, data, editoria, fonte e subtemas, utilizando o descritor “Zika” na plataforma Google. Brasil, abril de 2016.

TÍTULO	DATA	EDITORIA	FONTE	CLASSIFICAÇÃO NOS SUBTEMAS
Pesquisadores acreditam que zika causa infecções em células nervosas.	06/04/2016	BEM ESTAR	G1.GLOBO.COM	(B)
Uruguai registra 1º caso de zika; vírus teria sido contraído no Brasil.	06/04/2016	BEM ESTAR	G1.GLOBO.COM	(A)
Café científico discute zika vírus e microcefalia.	06/04/2016	SAÚDE	DIARIDEPERNAMBUCO.COM.BR	(D)
EUA usarão fundos do ebola para combater zika.	06/04/2016	MUNDO	EXAME.ABRIL.COM.BR	(D)
Casos suspeitos de zika e chikungunya dispararam no Rio.	06/04/2016	BRASIL	EXAME.ABRIL.COM.BR	(A)
Sob risco acentuado de zika, Miami tem pouca verba para combatê-la.	06/04/2016	CIÊNCIA E SAÚDE	NOTICIAS.UOL.COM.BR	(D)
Casa Branca anuncia investimento contra o vírus da zika.	06/04/2016	BEM ESTAR	G1.GLOBO.COM	(D)
Laboratórios passam a oferecer teste para detectar vírus da zika no sêmen.	05/04/2016	BEM ESTAR	G1.GLOBO.COM	(C)
Novo estudo descarta que zika chegue ao feto através de células da placenta.	05/04/2016	SAÚDE	SAUDE.TERRA.COM.BR	(B)
SC contabiliza 25 casos de zika vírus e 35 de febre de chikungunya.	05/04/2016	ESTILO DE VIDA	DC.CLICRBS.COM.BR	(A)
Campanha de financiamento coletivo para teste rápido de zika vírus.	06/04/2106	SAÚDE	DIARIDEPERNAMBUCO.COM.BR	(C)
Vigilância confirma duas pessoas com zika vírus no Amapá; uma é na capital.	05/04/2016	AMAPÁ	G1.GLOBO.COM	(A)
Mais um caso de microcefalia associada ao zika vírus é confirmado.	05/04/2016	FORTALEZA	OPOVO.COM.BR	(A) e (C)
México registra 201 casos de zika no país, 48 deles envolvendo gestantes.	05/04/2016	BEM ESTAR	G1.GLOBO.COM	(A)
Saúde de Piracicaba confirma sexto caso de vírus da zika em gestante.	04/04/2016	PIRACICABA E REGIÃO	G1.GLOBO.COM	(A) e (B)

Estado registra 16 casos de zika e cinco de febre chikungunya.	06/04/2016	REGIÃO	DIARIDECANOAS.COM.BR	(A)
Crise política e zika geram preocupação internacional com Olimpíada.	04/04/2016	BRASIL	BBC.COM	(D)
"Revelar a estrutura do zika tornará mais fácil produzir uma vacina contra a doença".	04/04/2016	CIÊNCIA	VEJA.ABRIL.COM.BR	(C)
Ceará tem oito mortes de bebês com microcefalia causadas pelo vírus zika.	05/04/2016	CEARÁ	G1.GLOBO.COM	(A) e (C)
Secretaria confirma primeiro caso de Zika em Franca.	06/04/2016	FRANCA	GCN.NET.BR	(A)
Vietnã registra os primeiros dois casos de Zika.	05/04/2016	INTERNACIONAL	AGENCIABRASIL.EBC.COM.BR	(A)
Microcefalia é causada por vírus da zika mutante, mostra estudo brasileiro.	03/04/2016	FANTÁSTICO	G1.GLOBO.COM	(B)
Ativista questiona ações de combate ao Zika.	06/04/2016	RÁDIO	RADIOS.EBC.COM.BR	(C)
Médica que apontou relação entre zika e microcefalia dá palestra no DF.	04/04/2016	DISTRITO FEDERAL	G1.GLOBO.COM	(B)
Cientistas revelam estrutura do vírus da zika pela primeira vez	31/03/2016	BEM ESTAR	G1.GLOBO.COM	(B)
Estado lança edital para financiar pesquisa sobre vírus da zika em MT.	03/04/2016	MATO GROSSO	G1.GLOBO.COM	(C)
Piauí já realizou 200 testes do Zika vírus em recém-nascidos e gestantes	01/04/2016	PIAUI	G1.GLOBO.COM	(C)
Zika é mais perigoso no primeiro trimestre de gravidez	06/04/2016	VIDA	EPOCA.GLOBO.COM	(B)
Limeira confirma 2º caso de vírus da zika; paciente é gestante de 28 anos	01/04/2016	PIRACICABA E REGIÃO	G1.GLOBO.COM	(A)
Zika pode usar proteína como entrada para células-tronco neurais, diz estudo	30/03/2016	BEM ESTAR	G1.GLOBO.COM	(B)